

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<http://www.editorafi.org>

DOI: 10.22350/9786585958325

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2024 by Fi. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

PREFÁCIO A UMA OBRA ORIGINAL OUSAR PENSAR, OUSAR AGIR: GÊNERO E SEXO A SERVIÇO DA CONVIVÊNCIA

Pedro Paulo A. Funari

Gênero e sexo são categorias analíticas ou conceitos de recente veiculação nas Humanidades, Ciências Sociais e na sociedade, em geral. Gênero é a categoria mais antiga, ao aparecer na gramática dos idiomas clássicos, grego (γένος) e latim (*genus*): feminino, masculino e neutro. Essa divisão tripartite convivia, a menos desde a Antiguidade Tardia, com a binária do hebraico (feminino/masculino). Sua gênese gramatical dava a essas diferenças (feminino, masculino e neutro) um caráter apriorístico, como algo constitutivo da coisa em si. Isso é apenas uma impressão, já que γένος / *genus* é um termo ligado à geração, a um tipo, a uma família, sem nenhuma conotação ligada a masculino ou feminino. Mesmo no uso gramatical, o gênero refere-se à palavra, não à coisa em si, ao significante, não ao significado. *Monstrum*, assim, é um aviso, daí mau presságio, monstro, milagre, de modo que o neutro é apenas gramatical, assim como *die* (dia) pode ser masculino ou feminino, assim como *lac* (leite) é neutro. Algo semelhante pode dizer-se do sexo (*sexus*), cujo sentido original está em separar, daí sexo masculino (*uirilis*) e feminino (*muliebris*). Esse retorno aos termos na gênese de gênero e sexo serve para ressaltar que os antigos viviam em outro mundo, percebiam gênero e sexo com categorias diversas das contemporâneas. O passado é um país estrangeiro, diria David Lowenthal (1985), é um país distante, segundo Racine, a História é um inventário das diferenças (VEYNE, 1976) e o perspectivismo antropológico (VIVIEIROS DE CASTRO 2015, DESCOLA, 2005) funda-se nesse deslocamento prévio e necessário para historicizar as maneiras de tratar de qualquer tema, tanto mais gênero e sexo. Neste como em tantos outros aspectos, as percepções derivam de invenções do racionalismo, da categorização e hierarquização do mundo.

Neste campo, como em tantos outros, o filósofo francês Michel Foucault (2014) contribuiu para mostrar como o dizível e o pensável varia no tempo e no espaço e como a diferença permite libertar o

presente da inevitabilidade. Só podemos forjar um futuro diferente se soubermos da transitoriedade do presente e de seus conceitos. Foucault (1976-2018), em sua *História da Sexualidade*, também pelas conversas com Paul Veyne, para entender a sexualidade contemporânea voltou-se para gregos, romanos e cristãos. O sexo tomado como realidade objetiva e biológica está inserido na percepção racionalista e biopolítica. Nunca se falou tanto do sexo, nunca esse aspecto, tomado como manifestação de essências inefáveis, passou a ser definidor de identidades, como todas identidades, inventadas, no sentido de imaginadas ou encontradas. O discurso sobre o sexo está no centro da modernidade. Enquanto a sodomia podia ser entendida como pecado a ser expiado, à maneira de outros tantos pecados, como a gula ou a cobiça da coisa (ou pessoa) alheia, a naturalização do sexo levava à condenação das relações de pessoas com outras do mesmo sexo ao âmbito do patológico, criando-se o conceito de homossexual. Imperdoável, pois não mais um pecado, mas um desvio de comportamento tido como da ordem das coisas, algo *contra naturam*. Daí a sexologia como medida de desempenhos ou hormônios.

As linhas de fuga e condições de possibilidades (GUATTARI, 2011), para usar categorias filosóficas que se abrem para práticas diferentes para futuros alternativos possíveis, sempre existem e relações de gênero podem ser parte dessas linhas e condições. O termo mesmo pode ser relacionado às discussões sociais da década de 1960 e a questionamentos à suposta ordem natural das coisas (mulheres dóceis e submissas e homens brutos e chefes de família), daí a explicitação de movimentos como o feminista e gay, mas também contra a guerra e por comportamentos inusuais, do nudismo ao uso de substâncias que alteram o estado de consciência e que estavam ou estão proibidos (à diferença do tabaco e do café, por exemplo). Gênero passava a ser um conceito relacional, para além da dicotomia redutora e naturalizada entre varões e mulheres, a permitir discutir a subjetividade e a historicidade. Estas discussões eram também correntes no Brasil, ainda que no contexto de uma ditadura (1964-1985). A Anistia (1979) e o retorno de exilados, eleições estaduais (1982), retorno dos civis (1985), a Constituição (1988) contribuiu para propagar novas práticas e perspectivas, na sociedade e no meio acadêmico também. Décadas depois, os estudos e movimentos são mais relevantes do que nunca, ainda que nos anos recentes esses temas tenham servido para práticas e ideias excludentes, opressoras e

mesmo mortíferas. Não se pode desvincular isso da disseminação de ideologias reacionárias e totalitárias, voltadas para a imposição de valores pelo uso da força, por meio do estado, mas também de entidades como denominações religiosas ou movimentos políticos que querem impor aos outros os seus valores, sob pena de eliminação dos renitentes.

Neste contexto, *Gênero e Regulações do Sexo entre antigos e modernos*, organizado por Fernando de Figueiredo Balieiro e Semíramis Corsi Silva, vem em boa hora. Um par de aspectos chama a atenção: seu caráter transdisciplinar e na intersecção presente/passado, de um lado, e a recorrência interpretativa a modelos teóricos críticos e com potencial de alteração do presente e do futuro. A interpenetração disciplinar é tanto mais bem-vinda quanto a tendência à super especialização descreve bem árvores e dificulta, contudo, a visão da floresta. Aprende-se sempre muito com o estudo da diversidade no tempo e no espaço, de modo que estudiosos da Modernidade têm a oportunidade de voltar-se para a Antiguidade (e vice-versa). Não há, também, presente sem passado, ao menos nos usos que se fazem do passado, assim como tampouco há passado sem suas leituras no presente. Antiguidade e Modernidade entrelaçadas jogam luzes uma sobre a outra. Em seguida, as interpretações, também interdisciplinares, fundam-se em autores como Sigmund Freud, Georges Canguilhem, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Bruno Latour, Terry Eagleton, Thomas Laqueur, Philippe Ariès, Joan Scott ou Judith Butler. Em sua variedade demonstram abertura de espírito e ímpeto crítico (capaz de separar, discernir, κρινω), algo ressaltado pelos temas e conceitos agenciados. Dentre os temas, destacam-se gênero, sexualidade, corpo, dissidências, performance, erotismo, inseridos em discussões conceituais como biopolítica, governamentalidade, subjetivação, dispositivos, em contraposição a modelos normativos preocupados em identificar desvios a serem reprimidos ou eliminados.

O volume está organizado em partes, a começar por um par relativo à *Antiguidade: Sexo, discurso e subjetivações entre antigos e leituras da Antiguidade e Gênero e regulações do sexo nas fontes históricas antigas*, ao ressaltar discurso, subjetivações e leituras como ferramentas para um olhar crítico da Antiguidade. Vamos da Suméria à Antiguidade Tardia, com reiteradas referências às questões aventadas: discurso normativo, sexualidade, erotismo, passado/presente, protagonismo feminino, regulações,

masculinidades. Um par adicional refere-se à Modernidade: *Dispositivos de poder e pedagogias do sexo na Modernidade* e *Dissidências sexuais nas mídias contemporâneas*. Abordam ambas as partes temas variados, da Aids à deficiência, até o cinema pornô, telenovela, internet ou musicalidades dissidentes. Ao final da leitura, sai-se encantado e esperançoso. Os capítulos tratam de temas muito diferentes e que rara vez se encontram tangenciados num único volume, como se nos oferece esta obra. Ainda que se utilizem de conceitos filosóficos, antropológicos e históricos profundos, fazem-no de maneira a serem entendidos também por neófitos. Ao mostrarem o passado e o presente *in fieri*, com potencial (δυνάμει) de mudar, saímos da leitura com a sensação sermos protagonistas de um devir outro.

Boa leitura e boa ação!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DESCOLA, Ph. *Par-delà nature et culture*, Paris: Gallimard, coll. Bibliothèque des sciences humaines, 2005.
- FOUCAULT, M. *Histoire de la sexualité. La Volonté de savoir* (1976); *L'Usage des plaisirs* (1984); *Le Souci de soi* (1984); *Les Avenx de la chair* (2018).
- FOUCAULT, M. *Subjectivité et vérité (1980-1981)*. Paris: EHESS, Gallimard, Seuil, coll. Hautes études, 2014.
- GUATTARI, F. *Lignes de fuite. Pour un autre monde de possibles* Paris: Aube, 2011.
- LOWENTHAL, D. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- SCOTT, Joan Wallach. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. *American Historical Review*. 91 (5), p. 1053-1075, 1986.
- VEYNE, P. *L'Inventaire des différences. Leçon inaugurale au Collège de France*, Paris: Éditions du Seuil, 1976.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. *The Relative Native. Essays on Indigenous Conceptual Worlds*. 1. ed. Chicago: The University of Chicago Press/HAU, 2015.